



Aprofundamento

A NOÇÃO DE IDENTIDADE E SEU USO NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

*Miriam de Oliveira Santos**

O objetivo desse artigo é traçar um panorama sobre o conceito de identidade nas ciências sociais e seu uso nos estudos migratórios. Através de um levantamento bibliográfico, procuraremos analisar as diversas correntes e demonstrar como nos últimos anos os conceitos de cultura e identidade foram intimamente associados. Finalmente, tentaremos mensurar os limites e possibilidades do uso desse conceito nos estudos sobre migração.

Palavras-chave: Identidade; Cultura; Etnicidade

Introdução

Ao longo desse artigo refletiremos sobre o conceito de identidade nas ciências sociais e seu uso nos estudos migratórios, examinando especialmente os conceitos de Identidade Nacional e Identidade Étnica. Procuraremos analisar o surgimento das diversas correntes e demonstrar como nos últimos anos os conceitos de cultura e identidade foram intimamente associados. E finalmente examinar o uso desse conceito nos estudos sobre migração.¹

*Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é pesquisadora associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e professora adjunta do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Brasil.

¹ Devo muitas das ideias desse artigo aos cursos que assisti no Museu Nacional, ministrados pela professora Giralda Seyferth.

Embora o termo identidade tenha sido popularizado na segunda metade do século XX, suas raízes se encontram no século XVII e tem origem no Iluminismo². Dentre as principais características do Iluminismo estavam a valorização da razão, considerada o mais importante instrumento para alcançar qualquer tipo de conhecimento; do questionamento, da investigação e da experiência como formas de conhecimento tanto da natureza quanto da sociedade, política ou economia; crença nos direitos naturais, que todos os indivíduos possuem em relação à vida, à liberdade, à posse de bens materiais.

Assim, o sujeito do Iluminismo é baseado numa concepção de indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. Seu centro essencial era sua identidade como pessoa.

No entanto, Dubar³ relaciona tal concepção de identidade com as teorias de Parmênides, filósofo grego do século V a.C, que afirmava que: “O ser é, o não-ser não é”. Dubar⁴ defende que tal afirmação foi entendida como se a identidade fosse aquilo que permanece o mesmo apesar das mudanças, dando origem ao conceito de identidade Iluminista. Essa corrente das teorias da identidade vai ser denominada de essencialista.

O funcionalismo, e especialmente Durkheim, vai questionar essa noção de Indivíduo Iluminista, demonstrando como a sociedade influencia na formação das identidades, destacando principalmente a ideia de uma “Consciência Coletiva”.⁵ Notadamente o que ocorre é uma passagem da discussão sobre a identidade pessoal para a de Identidade Coletiva.

Até a década de 50 do século XX, definia-se a identidade de um grupo de acordo com o posicionamento de seus membros em relação ao antagonismo entre capital e trabalho, em relação à renda e

² Movimento que surge na França, tendo como bases sócio-econômicas o desenvolvimento do comércio e a ascensão da burguesia. Seus valores fundamentais são a igualdade jurídica, a tolerância religiosa e filosófica, a liberdade e a propriedade privada. Entre os principais pensadores iluministas podemos citar: Montesquieu, Voltaire, Diderot, D’Alembert, Rousseau, Adam Smith.

³ DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades*.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Parsons, em um estudo realizado nos EUA sobre a “mãe italiana” e a “mãe judia” vai enfatizar a importância da família e da socialização na construção de identidades. Para ele através do estabelecimento de contatos pessoais frequentes, aconteceu um compartilhamento de valores comuns e de sentimentos de pertencimento, propiciando coesão e reforço dos seus elementos através de códigos de conduta. PARSONS, Talcott. “Some theoretical considerations on the nature and trends of change of ethnicity”.

status adquiridos ou com base em representações coletivas socialmente consolidadas, utilizando como referencial as teorias marxistas, weberianas ou durkheimianas. Todavia, a partir dessa década, conceitos tradicionais das ciências sociais tornaram-se insuficientes para a explicação da pluralidade de novos movimentos sociais, dos desafios que estes colocam às identidades com que até então eram associados e da diversidade de questões que levantam ao buscar a legitimação de suas reivindicações.

A partir da década de 60 uma série de estudos, notadamente os de Erving Goffman⁶, priorizaram a investigação das interações ocorridas entre atores sociais na vida cotidiana e as construções resultantes destas interações. Desta nova perspectiva, passou-se a afirmar que indivíduos constroem suas identidades e que a manutenção destas identidades depende do processo resultante das interações mantidas por estes indivíduos no processo de compreensão de si próprios e de suas intervenções na realidade. As identidades coletivas passaram a ser compreendidas não só a partir de um agregado de interações sociais, mas também da razão político estratégica de atores sociais.⁷

Dubar⁸ também aponta uma origem na filosofia grega para essa posição teórica. Segundo ele, Heráclito, no século VI a.C., já afirmava que “Tudo flui”. Daí depreende-se que: “Não há essências eternas. Tudo está submetido a mudanças. A identidade de todo e qualquer ser empírico depende da época considerada, do ponto de vista adotado.”⁹ Nessa perspectiva:

A identidade não é o que permanece necessariamente “idêntico”, mas o resultado de uma “identificação” contingente. É o resultado de uma dupla operação linguageira: diferenciação e generalização. A primeira é aquela que visa a definir a diferença, o que constitui a singularidade de alguma coisa ou de alguém relativamente a alguém ou alguma coisa diferentes: a identidade é a diferença. A segunda é a que procura definir o ponto comum a uma classe de elementos todos diferentes de um mesmo outro: a identidade é o pertencimento comum. Essas duas operações estão na origem do *paradoxo* da identidade: o que há de único é o que é partilhado. Esse paradoxo só pode ser solucionado enquanto não se leva em conta o elemento comum às duas operações a identificação de e pelo outro. Não há, nessa perspectiva, identidade sem alteridade. As identidades, como as alteridades, variam historicamente e dependem de seu contexto de definição.¹⁰

⁶ GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*.

⁷ Para os interacionistas a noção de pertencimento, a interação entre os vários planos sociais e a relação entre sujeito e objeto são fundamentais para entender o conceito de identidade.

⁸ DUBAR, Claude, *op. cit.*

⁹ *Ibidem*, p. 13.

¹⁰ *Ibidem*. Ver também Smith, para quem: “O paradoxo da etnicidade é a sua mutabilidade na per-

A extensa citação se justifica porque essa corrente das teorias da identidade, a relacional-estratégica, também conhecida como nominalista ou existencialista que se opõem a essencialista, encontra muitos seguidores entre os teóricos da identidade étnica. Ao pensar a identidade como algo em mudança constante, ligado ao contexto e à história, essa corrente abre espaço para que a própria identidade seja questionada e contestada, dando origem às teorias de construção e manipulação da identidade. Entretanto, também essa corrente teórica tem sido contestada. Santos¹¹ afirma que:

Nas últimas duas décadas, podemos considerar como sendo quase um senso comum a ideia de que identidades coletivas são construções políticas e sociais e que devem ser tratadas como tal. Afinal, se identidades são construídas, a que interesses elas servem e quem são aqueles excluídos do processo?

Ou seja, o debate atual não é sobre a identidade mas sobre identidades: pessoais, sociais, simbólicas, profissionais, culturais, étnicas, de gênero. A identidade, especialmente para os pós-modernos é cada vez menos essência e mais móvel, múltipla, comportamental e instrumental.

Resumindo o que foi exposto até aqui, podemos dizer que existem duas formas de conceber a identidade: a essencialista ou primordialista, que vê a identidade com um conjunto atributivo objetivo, natural, essencial, a-histórico; e a relacional-estratégica, que pensa a identidade como um processo negociado em permanente construção e reconstrução nas trocas simbólicas sociais.

Identidade Nacional - Raízes históricas do conceito

De todas as identidades coletivas a Identidade Nacional talvez seja a mais estudada no campo das Ciências Humanas, de maneira especial na Antropologia, Sociologia e História. Longe de querer esgotar o assunto, interessa-nos apenas as suas relações com etnicidade e imigração.

A Identidade Nacional é uma identidade coletiva organizada em torno do Estado Nação e que está fundada sobre o princípio da autoridade que é colocado acima da solidariedade. Apesar disso o nacionalismo possui um caráter étnico, uma vez que na origem da ideia de Nação está a de uma comunidade étnica. Na prática o nacionalismo está ligado à ideia de

sistência e a sua persistência na mutabilidade" (SMITH, Anthony. *The ethnic origins of nations*).

¹¹ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. "Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: alguns problemas teóricos".

pertencimento, justamente por isso o imigrante, que possui uma identidade dupla, é uma contradição dentro da categoria do Estado Nação.¹²

O problema do duplo pertencimento se coloca frequentemente a partir da segunda geração de imigrantes. A primeira geração está ligada à identidade do país de origem enquanto a segunda geração se sente dividida entre a identidade dos pais e a do país de acolhida.¹³

O ideal de nação sai do movimento romântico alemão, inicialmente como algo cultural, mas incorpora no século XIX critérios raciais de pertencimento e passa a ser calcado na ideia primordialista de origem comum, dando lugar a um modelo étnico de nação. Para os nacionalistas o ideal de nação inclui raça, cultura e origens comuns.

Na segunda metade do século XIX o nacionalismo étnico recebe um reforço enorme em função da imigração, da ascensão dos estudos sobre raça e do evolucionismo darwinista. Nesse contexto as minorias são vistas como obstáculos para a nação. O nacionalismo constrói a ideia de totalidade: um povo, uma nação, uma cultura, uma língua.¹⁴ A corrente essencialista ou primordialista da identidade nacional afirma que:

Nas suas origens e na sua essência, a identidade nacional é uma tentativa de preservar os “costumes” dos nossos antepassados. (...) O nacionalismo põe em destaque a necessidade das raízes e da tradição na vida de qualquer comunidade.¹⁵

A Nação é socializadora de seus cidadãos e a partir da Revolução Francesa assume o encargo de educá-los. O ensino obrigatório e a

¹² O duplo pertencimento coloca o problema da lealdade nas redes de participação. Em função do múltiplo pertencimento frequentemente se quebra as regras de um grupo para agir de acordo com as normas de outros grupos. No entanto existem limites para a ambigüidade, em alguns momentos os papéis têm que ser definidos.

¹³ SAYAD afirma que a imigração sofre de uma contradição dupla, porque ela representa um estado provisório que se prolonga indefinidamente, ao mesmo tempo em que ela se torna um estado definitivo, vivido com o sentimento do provisório. SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 51. Ver também LASK, Tomke. “Imigração brasileira no Japão: o mito da volta e a preservação da identidade”. Esse duplo pertencimento também aparece nas chamadas gerações 1.5, crianças que saem de seu país de origem muito pequenas e que são socializadas no país de acolhida.

¹⁴ No entanto essa posição também pode ser contestada, Weber aponta para uma construção política de nação e afirma que apenas o nacionalismo popular está ligado ao mito da pureza étnica. Já para Bauer não existe nada de homogêneo na ideia de nação, elas são um produto histórico da grande transformação capitalista. Dentro desse ponto de vista as culturas nacionais são criadas pela classe média excluindo camponeses e operários (cf. BAUER, Otto. “A Nação”).

¹⁵ LLOBERA, Josep R. *El Dios de la Modernidad. El Desarrollo del Nacionalismo en Europa Occidental*, p. 11. Essa interpretação da Identidade Nacional continua bastante atual, pode-se ver por exemplo o caso francês, seus debates sobre o uso da burca e a não aceitação dos costumes franceses por parte dos imigrantes.

homogeneização por ele criado contribuem enormemente para a construção das identidades nacionais.

Os fluxos migratórios levam os teóricos da identidade nacional a pensar sobre as formas de incorporação dos imigrantes nessa identidade. As teorias de assimilação, de certa maneira, supunham o desaparecimento dos grupos étnicos, que seriam incorporados, em maior ou menor grau, à Nação. Nos Estados Unidos da América, país que recebeu os maiores fluxos migratórios da grande migração do século XIX, surgiram duas grandes teorias a do *melting-pot*¹⁶ e o Pluralismo, também conhecido como teoria da tigela de salada.

A teoria do *melting-pot* utiliza a metáfora da panela de mistura ao afirmar que as diversas culturas das diferentes etnias que emigraram para os Estados Unidos da América fundiram-se e contribuíram com aspectos de sua cultura para a criação da cultura americana. Ela enfatiza a ideia de integração e homogeneização.

A teoria da tigela de salada, ou pluralismo, defende que os imigrantes recém-chegados não perdem os aspectos originais de suas culturas, como no modelo do *melting pot*, mas os retém. As características únicas de cada cultura são ainda identificáveis dentro da grande sociedade americana, bem como os ingredientes de uma salada ainda são identificáveis, visto que ainda contribuem para o global e compõem a salada. Esta teoria leva a “hifenização” americana, surgindo então os *afro-american*, *native-american*, *italy-american*, etc., como uma forma de marcar a identidade cultural e o duplo pertencimento. Esta teoria está baseada na ideia de que não é necessário proceder a um processo de homogeneização cultural para construir uma nação¹⁷.

Malik¹⁸ afirma que Nação e Cultura são termos que apontam para singularidades e que é muito difícil apontar singularidades (fazer isso) sem hierarquizar a diferença. A ideia de assimilação dos imigrantes também implica em hierarquias.

Segundo Seyferth:

Nos Estados Unidos, a ideia de *melting-pot* estava associada à perspectiva de assimilação dos imigrantes europeus e definia um processo social de paulatina perda cultural com aceitação do modo de vida e do nacionalismo/patrimonialismo americano, supondo integração. Na perspectiva americana,

¹⁶ Panela de mistura, caldeirão.

¹⁷ Leach já questionava a necessidade de homogeneidade para a existência da identidade. Segundo ele para haver identidade étnica não há necessidade de uma cultura comum. LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*.

¹⁸ MALIK, Kenan. *The Meaning of Race*.

tal processo integrativo incorporava nacionalidades europeias mas excluía as “raças” (negros, indígenas, asiáticos, etc.).¹⁹

O conceito de *melting-pot* pressupõe uma diluição da etnicidade na cultura americana, mas, ao mesmo tempo, a sociedade americana se divide em linhas étnicas em que se marca as diferenças étnicas, portanto o *melting-pot* idealizado não existe. No Brasil o *melting-pot* foi pensado não como assimilação, mas como miscigenação. Da mesma forma que no México houve uma preocupação de formar um povo, “uma raça”.

No entanto, essa não é uma característica apenas de países colonizados. Para Balibar e Wallerstein²⁰ nenhuma nação moderna possui uma comunidade étnica dada, segundo eles constrói-se o povo, inventa-se o povo, produz-se o coletivo. Sendo assim os autores pensam a etnicidade como uma forma de construção do povo de forma homóloga à de nação. Para esses autores etnicidade e nação são termos que vão na mesma direção, mas têm finalidades diferentes. São alótipos, mas não são idênticos e em certo sentido são incompatíveis.

O fenômeno moderno é que a etnicidade foi mobilizada e politizada. Os movimentos e políticas de identidade constituem uma presença quase que obrigatória na contemporaneidade e junto ao seu sucesso surge também os problemas e tensões, levando à reflexão sobre a “fragilidade das fronteiras entre identidade, xenofobia e violência”²¹. Disso decorre que a política de construção e politização das identidades étnicas produz pequenas nações dentro das grandes nações.²²

Em um texto bastante conhecido Hall²³ aponta para a crescente desintegração das identidades nacionais pela tendência da homogeneização cultural da globalização. Em função disto, há um reforço das identidades nacionais e outras locais e particularistas em virtude da resistência ao processo de globalização. Como síntese deste choque as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades, que ele chama de híbridas, estão tomando o seu lugar.

Identidade étnica e identidade cultural

Observamos que frequentemente as identidades étnicas são produzidas em um contexto de imigração. O discurso identitário está

¹⁹ SEYFERTH, Giralda. *As identidades dos migrantes e o melting-pot nacional*, p. 173.

²⁰ BALIBAR, Etienne; WALLERSTEIN, Immanuel. *Race, Nation, Class. Ambiguous Identities*.

²¹ LEAL, João. *Cultura e Identidade Açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*, p. 186.

²² Cf. COHEN, Abner. *O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*; GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel Patrick. *Beyond the Melting Pot*.

²³ HALL, Stuart. *A Identidade cultural na Pós-Modernidade*.

vinculado ao processo imigratório em si. No entanto é necessário questionar: de onde vem essa identidade? Como ela foi elaborada?

De acordo com Smith²⁴ a noção de etnia²⁵ é anterior à nação. A ideia de etnicidade é essencialmente mítica e simbólica. Para esse autor são elementos constitutivos da etnicidade: mito, memória, valores e símbolos.²⁶ Ele observa que a etnia é uma construção cultural que pode ter vários significados. Os conceitos definidores de etnicidade geralmente são:

- 1) Rótulo, nome coletivo, marca definidora, isto é, a etnia é nominada.
- 2) Descendência comum, origem comum, biológica, laços de sangue.
- 3) Noção de história compartilhada.
- 4) Noção de cultura compartilhada e distinta das outras.
- 5) Pertencimento ligado à solidariedade.

Com o declínio do conceito de raça emerge com força a ideia de identidade cultural, utilizada frequentemente de maneira intercambiável com o conceito de identidade étnica. Muitas vezes a etnicidade é pensada como a relação de um grupo com a sua cultura.²⁷

Wirth²⁸, em um artigo sobre grupos minoritários, vai lançar as bases para o conceito de identidade étnica. Segundo ele, os grupos minoritários ocupam uma posição de desvantagem na sociedade, possuindo sinais diacríticos, físicos ou culturais, que os tornam distintos do resto da sociedade. Afirma ainda que o pertencimento a uma minoria é involuntário, essa é uma categoria atribuída ao grupo. Nesse texto Wirth chama a atenção para o papel das lideranças na construção de identidades. Ressalta também para as relações sociais existentes entre os grupos sociais minoritários e a sociedade mais ampla. Em sua opinião são as relações interétnicas que marcam um grupo como minoria.

Também no caso da identidade étnica existem duas correntes: os primordialistas e os instrumentalistas. O primordialismo é essencial para a construção do campo das relações étnicas.

²⁴ SMITH, Anthony. *A Identidade Nacional*.

²⁵ No verbete Etnia do Dicionário Brasileiro de ciências Sociais, encontramos a seguinte definição: Etnia é um termo “empregado na literatura antropológica para designar um grupo social que se diferencia de outros grupos por sua especificidade cultural.”

²⁶ O que DUBAR, Claude, *op. cit.*, chama de Identidade biográfica, genealógica, narrativa

²⁷ Posição que vai ser contestada por BARTH, Fredrik. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”.

²⁸ WIRTH, Louis. “The problem of minority groups”.

Observamos que a identidade étnica é geralmente apresentada como uma identidade biográfica, genealógica e narrativa. É a naturalização da descendência que reifica as tradições e produções pessoais²⁹. Porém, para diversos autores como Barth, Cardoso de Oliveira, Cohen, a identidade é interna, mas também é imposta de fora. A identidade étnica é uma construção por oposição, constantemente negociada. É na arena interétnica que emerge a construção de identidades, isto é, a identidade é sempre relacional.

Para essa corrente as categorias de identidade são permanentemente reconstruídas e reinventadas. As identidades e os comportamentos que estão associados a ela são constituídos historicamente, a unidade é dada pelas relações sociais, pelo compartilhamento das perspectivas e pela crença em uma identidade comum, que redundando no sentimento de pertencimento a um grupo. Cabe notar que a identidade pode ser construída por várias formas, inclusive as idealizadas, contudo é importante não confundir identidade com autoimagem.

Como mostra Epstein³⁰, a identidade étnica pode ser expressa de várias maneiras, que se situam num *continuum* marcado nos seus extremos por dois polos: um positivo, quando a identidade étnica depende de conceitos internos de exclusividade, e um negativo, quando a etnicidade é imposta de fora. A identidade étnica positiva, baseada na importância do próprio grupo, se expressa pela etnicidade. Mas, segundo Epstein, a identidade étnica negativa, se dá onde a imagem do indivíduo é baseada na internalização da avaliação dos outros, onde grupos étnicos ocupam posição de inferioridade ou marginalidade na hierarquia social, especialmente no caso dos grupos chamados “minoritários” nos Estados modernos. Chega-se aí a uma dimensão muito importante da etnicidade: onde ela pode ser vista como um conjunto de estratégias para mobilização política ou para fazer reivindicações. Nos mais variados países, grupos étnicos aparentemente assimilados, reafirmam a sua identidade usando valores muitas vezes apenas simbólicos, tomados de uma cultura supostamente tradicional.

Barth vai ser um dos primeiros a questionar a essência da identidade étnica. Ao estudar os grupos étnicos, chama a atenção para a criação e manutenção das suas fronteiras, das linhas divisórias que separam os

²⁹ É o que vemos, por exemplo, nas publicações laudatória e não acadêmicas sobre a imigração europeia para o sul do Brasil.

³⁰ EPSTEIN, Arnold Leonard. *Ethos and Identity*.

grupos humanos, ele introduz no debate sobre etnicidade a polarização entre a ideia de fronteira e a ideia de cultura. Ele explica que:

O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parece ser, em termos analíticos, de duas ordens diferentes: (i) sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade, trata-se freqüentemente de características tais como vestimenta, língua, forma das casas ou estilo geral de vida; e (ii) orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas. Uma vez que pertencer a uma categoria étnica implica ser certo tipo de pessoa e ter determinada identidade básica, isto também implica reivindicar ser julgado e julgar a si mesmo de acordo com os padrões que são relevantes para tal identidade.³¹

A questão da identidade é crucial nessa visão, ressaltando que, quando se fala em identidades étnicas, existe um sistema simbólico por trás delas. Marcam-se as diferenças, mas são diferenças simbólicas, até porque elas são mais ditas do que mostradas. Barth sublinha especialmente que as identidades surgem por contraste e que incluem a questão da escolha. Nessa perspectiva a escolha é uma expressão de identidade. É importante notar que a identidade étnica é uma das dimensões da identidade social, mas não a única.

A grande virada que Barth propõe é passar das teorias funcionalistas ligadas à cultura, especialmente das que pensam o homem como um produto do meio, para uma teoria que privilegia os atores sociais. Segundo ele, o grupo étnico trabalha com os usos da cultura através de uma seleção feita por seus atores, por isso não bastam as fronteiras para definir as identidades étnicas.

Dentro dessa mesma linha, que questiona a essencialização da identidade étnica, alguns autores, como Cohen, afirmam que a identidade étnica está ligada a interesses corporativos. Segundo este autor, a etnicidade é instrumentalizada e acionada nos momentos em que é relevante, e a instrumentalização política da etnicidade é usada como arma para adquirir privilégios.³² Existem estratégias que as pessoas usam para operacionalizar seu pertencimento étnico, sem, contudo, abandoná-lo.

Essa instrumentalização e esse uso político da identidade ficam mais claros quando observamos que:

³¹ BARTH, Fredrik, *op. cit.*

³² Segundo Cohen, *"tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento as mitologias de descendência são ainda usadas para validar pretensões a papéis especializados ou a status elevados"* (COHEN, Abner, *op. cit.*, p. 92).

(...) o estudo da etnicidade e da nacionalidade é, em larga medida o estudo de mudanças culturais politicamente induzidas. Mais precisamente, é o estudo do processo pelo qual as elites e contra-elites internas aos grupos étnicos selecionam determinados aspectos da cultura do grupo, atribuindo-lhes novo valor e significado, e usando-os como símbolos para mobilizar o grupo, defender seus interesses e competir com outros grupos.³³

No entanto, é importante lembrar que a identidade étnica até pode ser manipulada e utilizada para atingir determinados objetivos de alguns grupos corporados, mas que não se resume a isto, já que o grupo pode pré-existir ao interesse corporativo.

Na visão desses autores, aquilo “que o ‘senso comum’ classifica como ‘étnico’ não faz parte do plano de análise, é antes uma categoria a ser problematizada e etnografada”.³⁴ Ao insistir no étnico constrói-se simbolicamente a comunidade. A etnicidade funciona como uma vantagem econômica e está entrelaçada com outros princípios de identificação social como religião e classe social.³⁵

No Brasil, Roberto Cardoso de Oliveira é um dos primeiros a utilizar o termo identidade étnica e logo se torna referência obrigatória no assunto. Ele discute a dimensão ideológica das identidades étnicas afirmando que as categorias étnicas, como componentes de um sistema ideológico, são carregadas de valor e os valores são fatos empíricos passíveis de serem descobertos.³⁶ Para esse autor a essência da identidade étnica é a noção de contraste entre “nós” e “eles”: um se afirma negando o outro. A importância da identidade étnica e sua dimensão ideológica voltaram a ser objeto de análise em alguns dos seus últimos textos,³⁷ Cardoso de Oliveira está ligado à corrente processual e pensa a definição da identidade étnica especialmente no contato, apesar de mais conhecido por seus trabalhos com as Sociedades indígenas. Esse autor também utiliza o conceito para analisar sociedades complexas como a Catalunha.³⁸

³³ BRASS, Paul. “Elite Competition and Nation Formation”.

³⁴ OSSOWICKI, Tomas Martin. *Ser e Pertencer: Além da Etnicidade*, p. 89.

³⁵ JENKINS, Richard. “Categorization: Identity, Social Process and Epistemology”.

³⁶ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre*. O processo de assimilação dos Terêna, p. 21.

³⁷ *Idem*. *Caminhos da Identidade: Ensaios Sobre Etnicidade e Multiculturalismo*.

³⁸ Em oposição Darcy Ribeiro afirma que: “Mais que uma simples etnia, o Brasil é uma etnia nacional, um povo-nação, assentado num território próprio e enquadrado dentro de um mesmo Estado para nele viver seu destino” (*O povo Brasileiro*, p. 22). A uniformidade cultural e unidade nacional - que são, sem dúvida, a grande resultante do processo de formação do povo brasileiro - não devem cegar-nos, entretanto, para disparidades, contradições e antagonismos.

Para entender melhor as críticas feitas à essencialização das identidades devemos lembrar que a corrente essencialista da identidade étnica associa etnicidade e cultura.

Inicialmente é preciso nuançar o sentido no qual utilizamos a palavra cultura. Segundo Elias³⁹, cultura e civilização referiam-se no século XIX a processos, enquanto no século XX passam a representar algo quase estático. Nessa concepção cultura seria tanto as propriedades distintas de cada sociedade (algo que alguns autores chamam de caráter nacional), quanto as tradições herdadas do passado. Ou seja, cultura é um comportamento historicamente desenvolvido e compartilhado pelos indivíduos de uma sociedade. Em contrapartida para os funcionalistas a cultura é apenas um aparato para o homem satisfazer as suas necessidades, isto é, todas as coisas têm uma função que é coerente com o todo.

Muitas vezes a cultura é pensada como sinônimo de Identidade Social, portanto buscaremos esclarecer as semelhanças e divergências entre os conceitos de Identidade e Cultura. Na concepção de Cuche⁴⁰ as principais diferenças referem-se ao fato de que:

(...) a cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.

Desse ponto de vista a identidade existe em função da cultura como um produto resultante dessa, atribuindo “valores culturais” para as características distintivas mais marcantes do grupo. A ideia de identidade cultural serve para a classificação, pois a partir desta, ocorre a inclusão ou exclusão do grupo social. Contudo, a etnicidade concerne ao cultural, mas é enraizada na interação social. Não é fixa, nem mais constante, do que a cultura da qual é um componente. Assim, a identidade cultural serve como distinção entre os grupos baseada na diferença. É o resultado da relação entre um grupo social e sua base espacial, através do estabelecimento de vínculos. Para Cuche⁴¹, não existe identidade em si, nem para si própria, mas sempre em relação à outra, acompanhando a diferença.

³⁹ ELIAS, Norbert. *Os Alemães*.

⁴⁰ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*.

⁴¹ *Ibidem*.

Identidade e diferença não são sinônimos, no entanto, mantém uma relação de dependência, pois a identidade define “o que se é” a partir de características comuns partilhadas por um mesmo grupo, ou seja, “nós somos assim”, enquanto que a diferença define “o que os outros são”, a partir de características totalmente distintas. Em função disso a cultura pode adquirir um significado classificatório e hierarquizante, implicando na noção de superioridade e inferioridade. Cabe destacar que para hierarquizar é necessário primeiro ser capaz de separar os grupos distintos.⁴²

Corroborando a afirmação de Cuche, Woodward⁴³ afirma que as identidades são construídas em momentos particulares no tempo, podendo evocar tanto o passado, através das origens, mitologias e fronteiras, quanto o presente, via contestação e justificativa de alguns códigos culturais., ou seja, a cultura é construída deliberadamente para construir identidade. As definições identitárias estão sempre envoltas em uma luta de classificações.

Memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações e construções da realidade, fenômenos que são mais subjetivos do que objetivos.⁴⁴ Como observou Gillis⁴⁵, a noção de identidade depende da ideia de memória e vice-versa; e baseia-se num sentido de semelhança no tempo e no espaço que é sustentado pela lembrança. Enfim, podemos afirmar que memória e identidade são valores disputados e que na construção das identidades coletivas existe um trabalho permanente de enquadramento da memória: “Cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização.”⁴⁶

No Brasil a ideia de identidade cultural é bastante utilizada para o estudo de grupos migrantes, sendo frequentemente intercambiada com o conceito de identidade étnica.

Barth é muito citado nos trabalhos, mas poucos pesquisadores efetivamente olham para o contexto e as razões pelas quais a distintividade

⁴² E aqui encontramos uma pista para responder a questão chave de Barth: porque afinal as fronteiras entre os diversos grupos étnicos se mantêm?

⁴³ WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual".

⁴⁴ Um exemplo prático dessa construção de memórias e identidade pode ser encontrado em ARRUTI, José Mauricio Paiva Andion. *Etnias Federais: o processo de identificação de remanescentes indígenas e quilombolas no Baixo São Francisco*.

⁴⁵ GILLIS, John R. "Memory and identity: the history of a relationship", p. 3.

⁴⁶ POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*, p. 7.

se mantém, preferindo pelo contrário, fazer exatamente o que esse autor criticava: um estudo do grupo e de sua cultura, baseado em princípios de descendência e socialização.

Atualmente, com o transnacionalismo, os novos imigrantes e as novas etnicidades, o conceito de identidade ainda é operacional nos estudos migratórios? Acreditamos que sim, especialmente se forem utilizados os paradigmas da corrente relacional-estratégica, pensando a identidade como um processo negociado que é permanentemente construído e reconstruído nas trocas simbólicas sociais.

Considerações finais

Consideramos que o elemento em comum nas distintas perspectivas sobre o conceito de identidade étnica é a assertiva de que as distinções fornecem a base conceitual da etnicidade; a distinção é vista como capital simbólico, sendo a identidade étnica extremamente significativa para a construção das dualidades ou diferenças sociais.

No entanto, é essa distinção que frequentemente acaba levando à segregação e ao racismo, que funcionam como rupturas radicais e demarcadores extremos da diferença entre os diversos grupos étnicos, levando ao limite a desumanização do outro. Como afirma Lévi-Strauss em um texto sobre etnocentrismo:

A humanidade acaba nas fronteiras da tribo, do grupo linguístico, por vezes mesmo, da aldeia, a tal ponto que um grande número de populações ditas primitivas se designam por um nome que significa os “homens” (ou, por vezes - digamos com mais discrição - os “bons”, os “excelentes”, os “perfeitos”), implicando assim que as outras tribos, grupos ou aldeias não participam das virtudes - ou mesmo da natureza humana.⁴⁷

No nosso ponto de vista a identidade se constrói através de relações, isto é, é processual e relacional e, portanto, capaz de se adaptar às transformações sociais e pode ser vista como uma construção social de pertencimento. E, em uma época de tantas divisões, é sempre oportuno lembrar que a identidade marca distância, mas também aproximações.

⁴⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*, p. 18.

Bibliografia

- ARRUTI, José Mauricio Paiva Andion. *Etnias Federais: o processo de identificação de remanescentes indígenas e quilombolas no Baixo São Francisco*. Tese (Doutorado). UFRJ/PPGAS: Rio de Janeiro, 2002.
- BALIBAR, Etienne; WALLERSTEIN, Immanuel. *Race, Nation, Class. Ambiguous Identities*. Londres: Verso, 1991.
- BARTH, Fredrik. "Problems of conceptualizing cultural pluralism, with illustrations of Somar, Oman", in MAYBURY-LEWIS, David (ed). *The prospect for plural societies*. Whashington: The American Ethnological Society, 1984.
- _____. "Os grupos étnicos e suas fronteiras", in LASK, Tomke (org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BAUER, Otto. "A Nação", in BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- BRASS, Paul. "Elite Competition and Nation Formation", in HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony D. (eds.). *Nationalism*. Oxford: Oxford Press, 1994.
- COHEN, Abner. *O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DICIONÁRIO de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- EPSTEIN, Arnold Leonard. *Ethos and Identity*. London: Tavistock, 1978.
- GILLIS, John R. "Memory and identity: the history of a relationship", in IDEM (ed.). *Commemorations: the politics of national identity*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel Patrick. *Beyond the Melting Pot*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.
- GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Nova York: Doubleday Anchor Books, 1959.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOBSBAWN, Eric. "A produção em massa de tradições. Europa, 1870 a 1914", in IDEM. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.
- JENKINS, Richard. "Categoriation: Identity, Social Process and Epistemology", in *Current Sociology*, v. 48, n. 3, 2000, p. 7-25.
- LASK, Tomke. "Imigração brasileira no Japão: o mito da volta e a preservação da identidade", in *Horizontes Antropológicos*, v. 6, n. 14, 2000, p. 71-92.

- LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP,1996.
- LEAL, João. *Cultura e Identidade Açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- LLOBERA, Josep R. *El Dios de la Modernidad*. El Desarrollo del Nacionalismo en Europa Occidental. Barcelona: Editorial Anagrama,1996.
- MALIK, Kenan. *The Meaning of Race*. Londres: Mac Millan, 1996.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre*. O processo de assimilação dos Terêna, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- _____. *Caminhos da Identidade: Ensaio Sobre Etnicidade e Multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- OSSOWICKI, Tomas Martin. *Ser e Pertencer: Além da Etnicidade*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2003.
- PARSONS, Talcott. "Some theoretical considerations on the nature and trends of change of ethnicity", in GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel Patrick (eds.). *Ethnicity. Theory and Experience*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press,1975.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. "Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: alguns problemas teóricos", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, 1998.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. "As identidades dos imigrantes e o 'melting pot' nacional", in *Horizontes Antropológicos*, v. 6, n. 14, 2000, p. 143-176.
- SMITH, Anthony. *The ethnic origins of nations*. Oxford: Basil Blackwell,1993.
- WIRTH. Louis. "The problem of minority groups", in LINTON, Ralph (ed.). *The Science of Man in the World Crisis*. Nova Iorque: Columbia University Press. 1945.
- WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual", in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000 p. 7-72.

Abstract

**The notion of identity and its use in
the migration studies**

This article means to outline an overview of the concept of identity in the social sciences and its use in migration studies. Through a literature review, we aim to analyze the various patterns and demonstrate how the concepts of culture and identity are closely related in the recent years. As a final point, we try to measure the limits and the possibilities of using this concept in the migration studies.

Keywords: *Identity; Culture; Ethnicity*

Recebido para publicação em 01/03/2010.

Aceito para publicação em 29/03/2010.

Received for publication in March 1st, 2010.

Accepted for publication in March, 29th, 2010.